

Os esquecidos sociais: idosos em casas asilares

Fernanda Silva d'Alencar*

Embora de conceituação polêmica, pela complexidade que incorpora, a velhice é, dentre outras dimensões da vida, uma fase também marcada por processos degenerativos que tendem a modificar o comportamento das pessoas e excluí-las, muitas vezes, das atividades sociais produtivas¹, acentuando as transformações, sejam elas de caráter psicossocial ou corporal, com percepção negativa.

Mesmo sendo um momento da vida em que ocorrem diversos agravos à saúde, por múltiplos motivos, inclusive de ordem genética, o idoso carrega estereótipos que acabam interferindo na sua auto-aceitação e auto-estima.

Embora esses aspectos não sejam independentes, o processo de envelhecimento não pode ser associado ou linearmente vinculado à doença,

tampouco pode ser considerado incapacitante.

Para uma sociedade pautada na valorização do novo, da juventude, beleza e estética, o indivíduo com o corpo transformado pelas naturais alterações do processo de envelhecimento, através do surgimento de alterações de pele evidenciadas pelas rugas e manchas, deambulação, mobilidade e outras funções diminuídas, o corpo velho não é visto apenas como um corpo, mas também como um pacote de atributos estigmatizantes a respeito da personalidade, do papel social, econômico e cultural do que é ser velho². Dentro dessa percepção, o velho é considerado tal qual se apresenta na conceituação de FERREIRA (1988)³: *que tem muito tempo de existência, gasto pelo uso, desusado, antiquado, mal desenvolvido,*

* Enfermeira, Especialista em Gerontologia Social. Universidade Estadual de Santa Cruz, 2005.

¹ REY, Luis. **Dicionário de Termos Técnicos de Medicina e Saúde**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999. p. 895.

² MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer**: histórias, encontros, transformações. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. b

³ FERREIRA, A. B. de H.

atrofiado, rudimentar.

Em uma sociedade que define seus valores em função da produção e do consumo, o idoso é considerado como aquele que não gera mais lucro; pelo contrário, gera despesa e acaba por se transformar num fardo. Essa concepção, associada ao entendimento comum da velhice, acaba influenciando atitudes de exclusão social e familiar para com esse idoso, que passa a contar, então, com as organizações asilares como único suporte para sua sobrevivência.

Essas organizações têm um histórico de albergar pessoas doentes mentais e portadores de Hanseníase⁴, sendo denominadas de manicômios e leprosários. Eram locais criados para manter esse público específico à margem da sociedade, sem contato com esta, caracterizando um ambiente de isolamento. Devido ao albergamento de pessoas com tais problemas de saúde, essas organizações adquiriram conotação negativa por parte da sociedade, sendo hoje alvo de estigmas e preconceitos por diversos grupos sociais.

Assim, estar albergado, ou asilado, tem significado, na maioria das vezes, perda de contato com a sociedade e com

a própria família. Esta situação faz com que velhice e asilo, juntos, traduzam desamparo, esquecimento, solidão.

Objetivando perceber como se sentem os próprios idosos asilados, buscou-se detectar aspectos da auto-percepção que constroem idosos de uma organização asilar da cidade de Itabuna, Bahia. Utilizou-se como instrumento de pesquisa a observação direta e a entrevista não-estruturada com seis idosos. Na fala dos mesmos, foi possível perceber a construção negativa da sua auto-estima, da auto-imagem, e do sentimento de abandono.

A Pessoa Idosa e o Esquecimento Social

Embora a Política Nacional do Idoso priorize o atendimento oferecido pelas famílias em detrimento do atendimento asilar, as casas de repouso e os asilos constituem alternativas de cuidados para aqueles idosos que, por várias razões, não vivem em suas residências (LEMOS; MEDEIROS, 2002)⁵.

Para Angerami-Canom (1999)⁶, o envelhecimento torna o isolamento in-

⁴ Doença conhecida como lepra.

⁵ LEMOS, Naira; MEDEIROS, Sônia Lima. Suporte social do idoso dependente. In: Freitas, E. V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

⁶ ANGERAMI-CANOM, Valdemar Augusto. **Solidão: a ausência do outro**. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

dividual uma realidade das mais agudas. As perdas sucessivas – físicas, emocionais, sociais, dentre outras –, que acompanham o processo de envelhecimento, forçam o idoso a adaptar-se a essa nova realidade, num enfrentamento para o qual, na maioria das vezes, não se preparou ao longo da vida. Isso é caracterizado primariamente por idosos que coabitam, esquecidos pela sociedade e pelas outras gerações, como é o caso dos “asilos para velhos”.

Nesse ambiente, é possível observar que grande parte dos residentes fica só, nos cantos ou deitados nas camas, olhando para o teto, “esperando o tempo passar”. A chegada ao espaço já é impactante, pois não conhecem ninguém, vão dividir espaço de moradia e de privacidade com desconhecidos, sem contar que, na maioria das vezes, são deixados de forma enganosa pelos próprios parentes com promessas de que os visitarão semanalmente ou que virão buscá-los em breve.

Embora não se possa relacionar a solidão como estereótipo apenas com pessoas idosas (MONTEIRO NETO; BARROS, 2001, p. 73)⁷, vários outros estudos e até mesmo o senso comum

afirmam que, na velhice, a solidão pesa. E por que? Em primeiro lugar porque “[...] a solidão resulta de deficiências nas relações sociais da pessoa só...” (MONTEIRO NETO; BARROS, 2001, p. 72); em segundo lugar porque é exatamente na velhice que as interações e os vínculos sociais tendem a ser reduzidos. Não é apenas um sentimento; é um estado, uma maneira de ser – a solitária maneira de “ser velho” em nossa sociedade - (BARRETO, 1992)⁸. Essa solidão vai manifestar-se de modo significativo na estima diminuída, na desvalorização da auto-imagem, no desgostar-se, no ver-se inferior; mas, especialmente, no afastamento dos familiares e amigos, cujos relacionamentos foram construídos nas fases pretéritas da vida.

Além disso, a falta de ocupação, a espera da passagem do tempo, percebida pelos horários de refeição, pelos horários de banho, fazem com que esse idoso perca a motivação, a satisfação de viver. Pela categoria corpo, por exemplo, o idoso reflete a não-aceitação e a abominação de si próprio, como está explícito na manifestação seguinte, de um idoso do qual nos aproximamos para conversar:

⁷ MONTEIRO NETO, Félix; BARROS, José. Solidão em Diferentes Níveis Etários. In: **Revista de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, RS, v. 3, p. 71-88, 2001.

⁸ BARRETO, Maria Lectícia. **Admirável mundo velho**: velhice, fantasia e realidade social. São Paulo: Ática, 1992.

*o que é que você vem fazer aqui...
conversar com velho? Velho é feio, as-
susta.*

Ou, ainda:

*não gosto de ver ninguém e nem que
ninguém me veja.*

A identidade do velho e o fato de se associar velhice à doença estão enraizados nos valores de alguns deles, reproduzindo a maneira como são vistos no próprio asilo:

*ser velho e doente é o mesmo que
pertencer a uma parte do lixo, porque
fica esquecido, desacreditado;*

não é mais viver, é vegetar;

*é sofrer e esperar a vontade do Todo
Poderoso.*

É interessante atentar para a observação feita por Monteiro Neto e Barros (2001, p. 72), de que “a solidão é vista mais como representando insatisfação com o número ou a qualidade dos contatos que uma pessoa tem do que com a ausência total de contato social”. Sem dúvidas, não se pode afirmar que no Asilo não haja contatos sociais, até porque há servidores (embora nem sempre disponíveis para conversar, trocar idéias), e há visitas sempre. A questão pode estar exatamente na qualidade do contato es-

perado pelo idoso, na expectativa criada em torno do desejado contato; grande parte deles leva meses e meses sem nunca receber a visita de familiares.

Por outro lado, a solidão e o isolamento, por vezes impostos, imprimem um certo conformismo que, de certa forma, impede os supostos ressentimentos e as mágoas em relação à família, que os deixou no Asilo

*...eu estou aqui porque minha família
colocou. Não tinha ninguém p'ra to-
mar conta de mim. Eles trabalham
muito. Nem dá tempo de virem aqui
me visitar;*

*fico feliz quando vem alguém me visi-
tar no Natal;*

*eu conto os dias porque ele [refere-se
ao filho] vem de semana em semana.*

A questão financeira também pode ser apontada como objeto desencadeador do sentimento de solidão, quando relatam:

*Ele [refere-se ao filho] me colocou aqui
só por causa do meu dinheiro, p'ra
poder ficar com minha aposentadoria;*

*quando é um velho que tem saúde e
tem dinheiro, é uma velhice muito boa,
mas no meu caso, velho, doente e po-
bre, é fazer parte do lixo.*

A partir das falas e das atitudes durante o tempo das nossas conversas, a

forma como as pessoas se vêem e enxergam o mundo que as cerca, bem como a forma como são tratadas no contexto em que se encontram influenciam muito as relações que têm consigo próprias e os comportamentos que desenvolvem diante das situações cotidianamente vividas no Asilo.

Mesmo tendo uma proposta de acolher aqueles que não têm outra opção de residência, ou não conseguiram se estabelecer no seio familiar, a infra-estrutura do asilo visitado, que não permite o mínimo de privacidade nas atividades diárias, contribui para o isolamento dos idosos no dia-a-dia dentro da casa, e para a falta de interação com os demais e com os funcionários⁹, de certa forma.

O sentimento de rejeição é evidente, quando tentam responder como foram parar ali, e até na forma de desconversar sobre o questionado. A mágoa da famí-

lia pode ser subentendida nas conversas prolongadas (embora alguns a preservem, especialmente quando tentam justificar as ausências de visitas e apoio, enquanto institucionalizados).

Esse sentimento de rejeição, que sinaliza perda da auto-estima, pode estar anunciando um sentimento de solidão (cabe mais investigação por parte das áreas competentes), em especial quando esse idoso procura uma face conhecida para se identificar ou a quem se dirigir para conversar e não encontra¹⁰; quando a dor, a saudade, a mágoa, a tristeza tornam-se muito pesadas por falta de um ombro amigo onde derramar as lágrimas; quando vêm as lembranças do tempo em que fora independente e a constatação de que hoje vive à mercê dos outros e já não conta inteiramente com alguém e em ninguém consegue confiar.

⁹ A quantidade de servidores é mínima para as atividades de cuidado da infra-estrutura (limpeza de pisos e banheiros), higiene e alimentação de idosos (banhos, refeições, lanches), lavagem de roupas, arrumação das camas.

¹⁰ Poucos recebem visitas de familiares.